

AS MODIFICAÇÕES DA IMAGEM DO BRASIL NA HUNGRIA¹

PÁL FERENC

Universidade ELTE de Budapeste

Em outono de 1983, poucos meses depois da publicação de *Macunaíma* em húngaro, recebi uma crítica curiosa como tradutor desta obra de Mário de Andrade. Assistimos a uma sessão da Sociedade de Etnografia chefiada pelo professor Luís Boglár, estudando os diferentes aspectos de *Macunaíma* quando um dos participantes observou que num ponto da tradução cometera um erro ou, melhor, descuido, porque traduzindo o termo *Pau-brasil* eu utilizei um calco lingüístico (*calque linguistique*) *brazilfa* (ou seja: árvore do Brasil ou brasileiro) em lugar do nome vernáculo em húngaro da *Caesalpinia echinata* o que é *Berzsenyfa*. Surpreendeu-me esta intervenção porque antes de traduzir cada termo consultei os mais elogiados e modernos manuais botânicos e em nenhum destes topei com este nome húngaro. Resultou que esta denominação húngara do Pau-brasil é o nome original desta árvore que depois caiu em desuso como tantos outros termos e conhecimentos acessíveis só em manuais de tempos idos.

Foi esta experiência que dirigiu minha atenção a fontes que, hoje por hoje, não consultamos como obras prioritárias, e indiretamente me levou a estudar o tema de minha conferência de hoje.

A saber, quando tratei de verificar de como foi o nome vernáculo em húngaro do Pau-brasil, consultei uma enciclopédia húngara, intitulada *Enciclopédia Pallas* e publicada na última década do século passado (o terceiro volume em que ficam os artigos com "B" é de 1893) notei com surpresa que esta enciclopédia oferecia detalhadas informações não apenas sobre os conhecimentos de importância universal, senão também sobre umas "coisas parciais" como, por exemplo, a literatura portuguesa ou a história e cultura do Brasil. Desta forma, posto que sempre tive uma natural inclinação para ver o aspecto, digamos, sociológicos, das disciplinas que me interessam, comecei a estudar a imagem que no público medianamente culto existia na Hungria acerca das "coisas portuguesas e brasileiras". É esta a primeira vez que exponho em forma de uma conferência independente os meus conhecimentos neste terreno que, além de minhas pesquisas se devem também aos trabalhos e comunicações de meus cole-

¹ Conferência proferida no ILA/PUCRS, nov. 1995.

gas, o prof. Luís Boglár, Dra. Laura Lukács e de meus ex-alunos, como Dra. Ágnes Szilágyi e outros mais.

Uma tal imagem sempre tem elementos de virtualidade e peca muitas vezes por simplificações conscientes e inconscientes, como veremos depois. Por exemplo, nos inícios do século e nas camadas baixas e relativamente incultas da sociedade húngara, dizia-se quando se fazia uma referência aos portugueses que "o português toca alegremente sua gaita de folles". Esta frase, emprestada duma canção da versão húngara da opereta "Filha de Madame Angot" do Lecocq, que podemos interpretar como pseudo-avaliativa serviu para encher um vazio de saber porque sobre os portugueses neste tempo e a este nível cultural na Hungria não havia conhecimentos. Já sobre os espanhóis se tinha uma avaliação mais cortante quando se referia ao "espanhol louco". Estas imagens avaliativas são demasiado simplórias e efêmeras para a investigação, tanto mais porque o seu espaço temporal é muito reduzido e nem sempre há meios que transmitam uma opinião formulada e divulgada oralmente. Por isso parece mais prudente recorrer a informações escritas ou gravadas de outra forma, supondo que estas correspondam a uma demanda da parte do público e deixem um impacto nele. Assim podemos fazer uma distinção entre as informações diretas e indiretas. As primeiras seriam, por exemplo, as informações transmitidas pela imprensa (notícias, artigos sobre temas relativos, àquele país etc.), pelos livros de viagem etc., e até de ficção de autores fora da área em questão e pelas obras científicas que representam um conhecimento ideal sobre o tema. A informação direta constituem-na as obras literárias, artísticas etc. oriundas daquele país que representam a realidade dele. Naturalmente a recepção nunca é ideal e mesmo é muito difícil saber qual é a imagem que se forma exatamente na mente ou espírito de cada um (para citar um exemplo pessoal: quando nos finais da década de 60 projetaram nos cinemas húngaros filmes franceses onde apareciam figuras portuguesas, eu – com meus 18 anos – disse para mim que os portugueses são destinados para serem auxiliares, entretanto que as moças húngaras achavam os portugueses muito bonitos como homens). Apesar dessas eventualidades, tentaremos estudar a imagem geral que do Brasil havia na Hungria em épocas diferentes na área do conhecimento e simpatia gerais e depois também na área da literatura brasileira publicada em húngaro.

Primeiro, hei de dizer que entre nós não existe acerca do Brasil ou dos brasileiros uma avaliação tão cortante que citei relativamente aos portugueses e espanhóis. Naturalmente, quando se fala no Brasil, a imagem do carnaval e do futebol sempre está presente; no mais, o Brasil ou os brasileiros são uma concepção um pouco vaga – por serem um país e povo distantes mesmo não nos obrigam a uma tomada de posição imediata. O Brasil – seja talvez pelas formas femininas que abundam nas reportagens fil-

micas húngaras sobre o carnaval e a Copacabana – é uma coisa apetecível que o húngaro atual olha com certa simpatia e benevolência. Contudo, há demasiados elementos exóticos relacionados com o Brasil, assim a imagem que dele se forma por esses lados sempre tem uma dose de indecisão no fundo.

Tudo isso apesar de que a imagem do Brasil apareceu relativamente cedo no conhecimento geral húngaro. Um poeta do século XVII, Miklós Zrínyi, autor da epopéia nacional húngara, intitulada *Desgraças de Szigetvár*, cita numa das suas obras o Brasil. Miklós Zrínyi, que passou toda a vida lutando contra os turcos, em 1661 publicou o panfleto intitulado "Não Maltrates o Húngaro! Remédio Contra o Ópio Turco" em que lança um apelo contra os turcos, no final do seu panfleto, sob a ameaça da devastação turca, exclama: "Tenho notícias de que no Brasil há terras desertas em abundância, façamos, pois, ao rei espanhol uma província, façamos uma colônia, tornando-nos cidadãos".

Apesar desta leve confusão de o Brasil pertencer ao rei espanhol, o conhecimento sobre o Continente novo é exemplar num pequeno país em luta com os turcos: parece que o Brasil neste momento ocupará aquela porção de terra prometida que o tornará tão atrativo para os húngaros emigrantes a partir dos finais do século XIX. Este conhecimento que hoje nos parece surpreendente para aquela época se deve talvez ao fato de que nos séculos XVII e XVIII também jesuítas húngaros, como János Zakariás e Dávid Fáy, chegaram como missionários ao Brasil e mandaram à Europa descrições acerca das terras e populações que conheceram. Temos conhecimento de que em 1720 saiu à luz um *Itinerarium peregrini philosophi, Sinis, Japone, Cocincina, Canada et Brasilia definitum*, editado por um Franciscum Szdellar e a Sociedade de Jesus na Universidade Arquiepiscopal, em Tyrnaviae. Esta informação, ao par das comunicações dos dois missionários (David Fáy e János Zakarjás, publicadas em húngaro só em 1911 in *Földrajzi Közlemények – Boletins Geográficos* – volume XXXVIII) que talvez tivessem chegado à Hungria, ofereceram uma informação geral ao nível da ciência da época aos interessados.

Dos finais do século XVIII e primeiros anos do século XIX neste momento não dispomos de dados relativamente ao conhecimento do Brasil, mas estudando as obras do escritor mais famoso do romantismo húngaro, Mór Jókai (1825-1904) encontramos mais de uma alusão, o que nos faz supor que para o público nacional não foi de todo estranha a imagem do Brasil. Nas obras de Mór Jókai aparece o nome *braziliafa* (ou seja *Pau-brasil*) e outras plantas e animais característicos da flora e fauna brasileira como o *aguti* ou *agouti* (cutia), a *anakonda* (anaconda), a *fernambuc fa* (outro nome húngaro do Pau-brasil), *guaraná* (medicamento feito do semente do guaraná) e *guaraná kenyér* (pão feito de guaraná), *mangifa* (Mangueira), *onka* (onça) cuja transcrição húngara supõe a leitura dum

texto onde este nome aparece em português, dado que só assim se explica a leitura errada do c com cedilha. Como curiosidade, aparecem duas frases – "índios bravos" e "índios fideis" – texto de Mór Jókai.

Com a maior figura da literatura húngara do Romantismo chegamos ao último quartel do século XIX quando já abundam as comunicações sobre o Brasil; assim não estranha que este romancista tão aberto a todo tipo de novidades incluía mesmo a nível do léxico o Novo Mundo o o Brasil em seu mundo romanesco.

O Brasil, que a partir de 1817 está presente no Império Austro-Húngaro – pelo menos diplomaticamente, porque é a este ano a que remontam as relações diplomáticas dos dois impérios –, último terço do século XIX se torna uma realidade para os húngaros. Nesta época vêm alargando no território da Hungria sua atividade os agentes da emigração que com autorização oficial ou sem ela começam a organizar os primeiros grupos de emigrantes para o Brasil. Os agentes, para atingir o seu objetivo, ou seja, convencer mais gente de ir para o Brasil, apresentaram-no mais favoravelmente. Confirma esta hipótese o artigo intitulado "A emigração para América" da revista húngara *Világ Krónika* que criticando a atividade prejudicial dos agentes ilegais diz: "Estes bufarinheiros deambulando pelas comarcas, desenhando visões aprazíveis, aliciaram a gente das camadas mais abastadas..." (1882, 52, p. 423). Junto com esta propaganda dos agentes que tinha muitos elementos informais, cresceu uma antipropaganda baseada nas relações dos emigrantes que regressaram do Brasil porque lá não encontraram as condições de vida prometidas ou esperadas. Desta forma vemos que o Brasil já vive como uma realidade na consciência da opinião pública no último quartel do século passado, através de informações pormenorizadas, detalhes de um ou outro aspecto do país, sem chegar, na maioria dos casos, a um conhecimento globalizado. Contudo, estas informações tiveram um solo fértil porque se tratava da chamada propaganda informal ou "sussurrante", que sempre tem um acesso mais direto à opinião pública, e muitas vezes alimentava-o a experiência pessoal que muitas vezes oferecem um conhecimento mais autêntico e verdadeiro sobre o Brasil que as outras fontes disponíveis.

O rápido desenvolvimento industrial e econômico da Hungria no último terço do século XIX aumentou enormemente o número dos jornais e revistas publicados no país, e estes informaram abundantemente seus leitores acerca dos acontecimentos do mundo. Juntamente com informações de caráter político, como foi, por exemplo, o artigo sobre a visita de Dom Pedro Segundo (II. Dom Pedro Brazíliai császár, Vasámapi Újság, 1889, 47, sz. 769 I) à Hungria em 1889, pretendia-se satisfazer a curiosidade pelo exotismo do público leitor. Esta demanda pelo estranho, exótico, pitoresco etc. satisfazem-na tanto os artigos publicados nos jornais, como os livros publicados nesta época. Um artigo de Vasámapi Újság (*Röthy*

Frigyes. Egy magyar tengerész Brazíliában, 1883, 17, sz. 272. I) fala sobre o "povo estranho" que vive no Brasil, ou seja, sobre "os negros" esta forma, com uma estranheza consternada se fala também na flora e fauna brasileiras. O autor do artigo intitulado "A jibóia – serpente da água" (A vizi boa-kigyó, in. *Hírmondó*, 1869, 23, sz. 274. I) descreve longamente os animais nojentos do Brasil.

O desenvolvimento econômico criou uma camada que quis ultrapassar o nível dos artigos dos jornais e pretendia obter uma cultura livresca. A sua demanda vinha satisfazendo-a a crescente edição de livros. As editoras mais ou menos conscientemente tendiam a oferecer com as suas edições um sólido e fundado conhecimento universal; assim fomentavam a publicação dos livros de mais variada índole. Nos anos 1867-1870 saiu dos prelos o livro de viagem de um tal István Geöcze – *Viagem ao Brasil ida e volta (Utazás Brazíliába és vissza I-II*, Pest, Lauffer, 1867-70) – em 1905 o livro mais rimbombante, mesmo pelo título *Os países das Amazonas de Jenő Opperl (Az amazonok országai*, Késmárk, 1905). Estes livros, além de deleitar os seus leitores com a narração das curiosidades, já apelavam para um ar científico: não queriam apenas deleitar os leitores mas também oferecer-lhes ao mesmo tempo alguns dados úteis.

Não podemos avaliar em que medida se deve a influência do sentimento nacional do estado milenário húngaro (celebrado em 1896) ou ao desenvolvimento das pesquisas científicas que neste período dirige a atenção à atividade dos jesuítas-missionários que no século XVIII viajaram ao Brasil. A revista *Magyar Állam János Foltin* publica um estudo dando a conhecer as cartas de Dávid Fáy escritas no Brasil (Fáy Dávid múlt századi hithirdető levelei Amerikából (In: *Magyar Állam*, nº 260-263. Budapest, 1890) e aparecem as primeiras informações exatas completas e concisas nas duas grandes enciclopédias da época. Tanto a *Enciclopédia Pallas* como a *Enciclopédia Révai* é uma enorme empresa da vida científica húngara. A primeira saiu entre 1893 e 1900 em 18 volumes e a segunda, de 1911 a 1926 em 19 volumes. A seriedade destas obras mostra que o equivalente em húngaro do Pau-brasil, mencionado no início desta conferência encontrei-o na *Enciclopédia Pallas*. Esta, no terceiro volume, saído em 1893, publica um artigo de aproximadamente 18 espaços (só a título de comparação menciono que sobre a França publicou-se um artigo de aproximadamente 297 mil espaços) sobre os Estados Unidos do Brasil, dando informações sobre seu território, águas, clima, produtos, população, indústria e comércio, constituição e administração pública, cultura e história acompanhada de uma abundante bibliografia citando obras em inglês, alemão e francês e inclusive em português (por exemplo: De Mello: *Atlas do Império do Brasil*, Rio de Janeiro, 1882; *Historia d'estabelecimento da república Estados Unidos do Brasil*, Rio de Janeiro, 1890). O artigo, tendo em conta o tempo que então requeriam os trabalhos de redação e trabalhos

de imprensa de um volume de 900 páginas e formato grande, podemos considerá-lo muito atualizado, dado que informa acontecimentos de 1891, mencionando como último acontecimento histórico a abdicação do presidente Fonseca e tomada de poder do vice-presidente Peixoto, acontecido a 24 de fevereiro de 1891.

O artigo informa satisfatoriamente sobre a história do Brasil, dando ênfase em relatar os acontecimentos da descoberta do Brasil e os que tiveram lugar entre 1500 e 1808, ocupando esta parte 38 linhas, muito mais do que nas enciclopédias posteriores. É de notar que este artigo não fala sobre a literatura, embora haja artigos relacionados com os autores da literatura brasileira na enciclopédia. Encontramos um artigo longo sobre Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães e vários outros autores do romantismo que parecem ocupar o centro da atenção dos escritores da enciclopédia.

Resumindo: o artigo foi escrito numa linguagem coloquial, como se o autor dela gostasse de informar sobre o Brasil e quisesse despertar simpatias pelo país: desenha um país atraente pelas suas riquezas naturais e pela práxis política do país. Contudo, este estilo coloquial do artigo é muito conciso, informativo, talvez o mais informativo entre as enciclopédias que estudei.

A *Enciclopédia Révai*, também no terceiro volume, publica um artigo de aproximadamente 34 mil espaços sobre a superfície, águas, clima, flora e fauna, população, ocupação e profissão, transportes e comércio, exército e história do Brasil, acompanhado de um mapa do país no artigo geral sobre Américas. Num artigo separado (de 6 mil espaços) fala também sobre a literatura brasileira.

Enquanto da história do Brasil o descobrimento do país forma parte do artigo sobre a descoberta da América, assim a parte de 1500 a 1808 é mais curta, de 16 linhas. O tempo entre o último acontecimento histórico e a saída à luz do volume é mais curto do que no caso da enciclopédia anterior, é só um ano, dado que no final do artigo o autor dele menciona a eleição do general Hermes da Fonseca para a presidência, em março de 1910. A bibliografia, além de obras em alemão, francês, inglês, faz menção de obras húngaras, como do livro de viagens do médico da marinha húngara, Ferenc Gáspár (*Em volta da Terra*, vol. I, Budapeste, 1906), o livro já mencionado em Geöcze, publicado em 1870 e um estudo publicado no jornal *Pesti Hírlap*, 8 de janeiro de 1911 (Gyula Bignio: *A brazíliai kivándorlók sorsa*).

Sobre a literatura brasileira recebemos uma detalhada informação que menciona todos os nomes importantes da literatura do país, favorecendo, talvez, mais a época colonial, dado que as três quartas partes do artigo versam sobre a época que ia até o romantismo. Infelizmente os nomes mencionados no artigo geral sobre a literatura brasileira nem sempre têm

um artigo em separado. Nos artigos sobre autores há uma preferência pelos autores do romantismo, Magalhães, Gonçalves Dias, Macedo, Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães são bem documentados. Quanto às figuras históricas, Cabral, Dom Pedro, Fonseca, Peixoto, Prudente, Campos Salles são mencionados.

O artigo sobre o Brasil da *Enciclopédia Révai* é bem documentado e com os artigos satélites (a bandeira brasileira, o escudo brasileiro e outros) é uma fonte de consultas madura que já mostra um alterado "status" do Brasil na mentalidade húngara.

Foi no período que ia da Primeira à Segunda Guerra Mundial que o Brasil tornou-se um "país comum e corriqueiro" na Hungria. Isso devia-se, em primeiro lugar, ao fato de a Hungria e o Brasil terem um contato regular e de boa vontade através dos emigrantes e entidades que colaboravam no serviço das emigrações. Teve um papel na formação nestes contatos favoráveis Sua Excelência Senhor Boglár que desde 1928 até 1942 dirigiu o Consulado Real da Hungria em São Paulo. O seu diário, escrito neste período, se um dia for publicado mostrar-nos-á este Brasil que pela atividade dos emigrantes húngaros pode nos parecer familiar pelas suas aldeias de nomes húngaros, como Boldogassnyfalva, Szentistvánkirályfalva, Árpádfalva etc., fundadas nos anos trinta.

Uma certa familiaridade com o Brasil se reflete na mentalidade formada pelas obras que podemos considerar representativas deste período. O Brasil aparece mais real, mais palpável: um lugar de trabalho e vida de dia-a-dia onde abundam ou se salientam pelos autores os motivos parecidos ou comuns. Já quase não há lugar para as aventuras desmedidas em ambiente exótico: é de notar que nestes anos — que aliás deram um amplo espaço às histórias de legionários e "cowboys" — aparecem apenas dois livros que satisfazem o gosto do público pelo desmedidamente exótico e estes são de autores estrangeiros (Hans Heuer: *Brazíliai kaland*, Tolnai Világkönyvtar, Budapeste, 1937; Franz Aicchorn Anders: *A zöld pokolban*, Stádium, Budapeste, 1940). Além dos numerosos artigos na imprensa que ainda não de ser elaborados saíram à luz quase vinte obras de autores húngaros. Uma parte deles pertence aparentemente ao gênero da literatura de viagem, dado que estas obras reúnem as experiências de uma permanência mais demorada e são marcadamente subjetivadas no sentido de que os autores deles narram suas próprias peripécias na vida cotidiana. Deste "reviver" a realidade brasileira informam obras como a de Dezső Migend: *A brazíliai aranyhgyek árnyékában* (Sob a sombra das montanhas do ouro brasileiras, Béhéscsaba, 1926) ou o livro de Béla Bangha: *Dél-Keresztje alatt* (Sob a Cruz do Sul, Budapeste 1934), o de Zoltán Nyisztor: *Felhőkarcólók őserdők hazatlanok* (Arranha-céus, selvas, apátridas, Budapeste, 1935) e Lajos Wild: *Tizenő év Brazíliában* (Quinze anos no Brasil, Arad, Vasárnap 1936).

Parece que há uma tácita comunicação bilateral entre os dois países neste ano que não permite as mistificações: o governo húngaro, no intuito de ligar os emigrados húngaros ao país natal, educá-los a manter vivo neles o sentimento da nacionalidade, organiza o sistema de mestres chamado "Julián" cujos colaboradores foram ensinar no Brasil. Por curioso que pareça, o Brasil, neste sentido, com os seus 300 mil emigrados húngaros, quase é visto como Transilvânia ou os territórios com população húngara que depois do tratado de paz de Trianon foram desanexados da Hungria. Aumenta o número das pessoas que vão e vêm entre a Hungria e o Brasil, e eles trazem muitas informações informais que deixam seu impacto na opinião pública húngara. Além da imagem do Brasil real, nestes anos parece formar-se a imagem de um outro Brasil: olhada do ângulo do vista dos emigrados húngaros e limitada em certa medida ao âmbito vital dos emigrantes húngaros. Outro livro do já mencionado Deszö Migend: *Magyarok brazíliában* (Húngaros no Brasil, Békéscsaba, 1925) depois o *A brazíliai magyarság évkönyve* (O Almanaque dos Húngaros no Brasil, 1934); o livro *São Paulo földrajza különös tekintettel a magyarságra* (A Geografia de São Paulo, com especial atenção aos húngaros, São Paulo, 1934) são obras que servem aos interesses dos emigrados húngaros que, apesar de tornar-se cidadãos brasileiros, pretendem conservar sua filiação original.

Quero mencionar apenas como uma curiosidade que data desta época o primeiro manual de português para húngaros; é o *Magyar-portugál társalgó és nyelvtani alapelemek* (Manual de conversação húngaro-portuguesa e fundamentos gramaticais) da autoria de Varga Albertné e Varga Albert, publicado em São Paulo, em 1936.

É um fenômeno singular deste período que no Brasil, diferentes aspectos da vida brasileira servem de tema literário para alguns escritores. Um escritor húngaro, Zsigmond Remenyik (1900-1962), já foi buscar experiências para a América do Sul nos anos vinte, e elaborou suas aventuras pela América Latina nos livros *Vész és Kaland* (Perigo e Aventura, 1940) e *Vándorlások könyve* (Livro de peregrinações, 1956). Foi o Brasil que tornou escritor um naturalista, Gábor Molnár (1908-1987) que em 1930 viajou a selva amazônica com uma expedição organizada pelo Museu Nacional Húngaro. Seus dois colegas caíram doentes, porém ele continuou seu trabalho enquanto não teve dinheiro, e, subsistiu vendendo peles de animais, cobras venenosas e trabalhando nas plantações de Ford. Em 1932, num acidente perdeu a vista, regressou à Hungria e resolveu elaborar suas experiências. Seu primeiro artigo sobre as aventuras passadas no Brasil foi publicado em 1933, no Pesti Hírlap, e seu primeiro livro *Kalandok a brazíliai őserdőben* (Aventuras na selva brasileira) saiu em 1940 (este livro teve 4 reedições com uma tiragem de 80 mil exemplares). Foi este acidente que lesou os olhos de Gábor Molnár que o tornou escritor. Nos primeiros li-

vros não faz senão relatar o que tinha passado e visto naqueles dois anos que passara no Brasil, num estilo vivo e vigoroso. Mas com o tempo estas experiências olhadas da realidade se relegam para o segundo plano, neste ambiente brasileiro de pequenas povoações à beira da selva e dentro da selva amazônica tece interessantes histórias nas quais o real e o fictício dão uma interessante amálgama. Hoje considerado como um escritor para a juventude, Gábor Molnár dá-nos uma visão de um Brasil vivido e sonhado que em seus leitores adolescentes torna-se um terreno tão íntimo (e o autor desse trabalho pode dizê-lo de sua própria experiência, tendo sido ele também fervoroso leitor dos romances de Gábor Molnár) como a paisagem dos romances de James Fenimore Cooper ou de Karl May.

Temos conhecimento de três escritores mais que publicaram, deixando-se influenciar pela ou explorando esta presença amigável do Brasil na consciência húngara deste período. Tibor Magyar, um escritor hoje já desconhecido, publicou em 1940, em Budapeste, seu romance *A brazíliai fenevad* (A fera brasileira). As missões mundiais franciscanas deram à luz em 1942, em Budapeste, os contos de Mihály Witte reunidos com o título *Villanó fények az őserdő mélyén* (Luzes cintilantes no fundo da selva); e em 1944 saiu em Budapeste, editado pela Nemzeti Figyelő o romance *Brazíliai nagybácsi* (Tio Brasileiro) do um tal László György. Os três são mestres menores; contudo, o fato de escolherem temas relacionados com o Brasil mostra a benevolente recepção desta temática.

A partir de 1939 a imagem do Brasil aparece noutra contexto, surge novamente uma ameaça que, como nos tempos do Miklós Zrínyi o perigo turco, obriga a abandonar a pátria. Não é por acaso que entre 1941 e 1947 o livro de Stefan Zweig, intitulado *Brazília a jövő országa* (O Brasil, país do futuro) foi editado quatro vezes. O Brasil, tal como a América Latina aparece como uma Terra Prometida para os perseguidos nestes lustros. Além dos livros que versam sobre o estabelecimento e fixação dos húngaros na América do Sul (como o livro de Antal Vér e Elemér Miklós: *Magyarok Dél-Amerikában*, Húngaros na América do Sul, Budapeste, 1942 e de Tivadar Ács *Magyarok Latin-Amerikában*, Húngaros na América Latina, Officina, Budapeste, 1944), aparecem livros que propagam, narram ou analisam a nova migração (*Imre Békessy Az új népvándoriás. Délamerika*, A nova migração de Povos. América Latina, Budapeste, 1939; *Endre Sós Emberdömping. Az eviáni konferencia és a zsidó kivándoriás világhölmaja*, Massas de gente. A conferência de Evião e o problema mundial da emigração judia, Budapeste, 1939; Tivadar Ács: *Akik elvándoroltak*, Os que emigraram, Kapisztrán Nyomda, Budapeste, 1940).

A emigração tornou-se, também na Hungria, uma necessidade e uma realidade não apenas nos anos da Segunda Guerra Mundial, mas também no período posterior: neste lustro que ia de 1945 a 1950 o Brasil continuou a ser um dos destinos anelados. Mas os novos emigrantes não partiram

para o Brasil "ao deus dará"; sabiam o que os esperava e queriam preparar-se para uma integração rápida no novo ambiente vital. Correspondendo a esta demanda saíram vários importantes manuais nestes anos: *Brazil-portugál-magyar nyelvkönyv és szótár* (Manual e dicionário brasileiro-português-húngaro) de Magda Kacsóh, Békefiné, em 1947; o *Braziliai portugál nyelvkönyv Magántanulók és tanfolyamok számára* (O manual da língua brasileira. Para estudo privado e em grupo) de Ferenc Kordás, no mesmo ano; o *Magyar-portugál szótár. Nyelvtan, beszélgetések* (Dicionário húngaro-português. Gramática e conversações) de Gábor Molnár (Ed. Vajna, Budapest, 1948) com um apêndice "a vida brasileira de hoje" e, em São Paulo, o *Gyakorlati portugál nyelvkönyv* (Manual prático de português) de Frigyes Patka (3ª ed. em 1951).

E aqui podemos traçar uma linha divisória. Em 1949, ascendeu ao poder na Hungria uma força que ignorou todas as tradições do país e pretendeu a toda força introduzir uma nova mentalidade. O país fechou-se, e tudo que vinha de fora foi fortemente controlado, em especial se chegasse dos países ocidentais. Foi nestes anos que a imprensa húngara propagava que nos países da América os trabalhadores labutam drogados de coca-cola e só informavam os protestos contra o sistema inumano do capitalismo, chefiados pelos partidos comunistas, reconhecidos pela União Soviética. Esta distorção vê-se naquela imagem do Brasil que a propaganda oficial pretendeu divulgar na Hungria. Assim, o Brasil nos anos cinquenta apareceu na imprensa como um país explorado barbaramente pelo imperialismo internacional e o povo brasileiro, e em especial os operários e a gente jovem não faz senão lutar diariamente e de manhã cedo até à noite cerrada contra a exploração, a bomba nuclear, o imperialismo norte-americano, apóia o movimento de libertação nacional, a luta internacional pela Paz e seu único desejo é afiliar-se no Partido Comunista que é a única força que pode salvar a nação brasileira da derrota imediata. Tudo isso pode parecer assaz irônico, mas lendo os artigos da época foi realmente esta imagem que podia formar o leitor desprevenido sobre o Brasil. No período que vai de 1949 a 1950, não foi publicado nenhum artigo ou livro sobre história, geografia e cultura do Brasil. Só na segunda parte da década, depois de 1956, publicaram-se romances de Gábor Molnár e três livros de viagem. Da economia brasileira foi publicado um artigo, em 1959, com o título "Súlyosbodik a gazdasági es szociális válság Brazíliában" (Aumenta-se a crise econômica e social no Brasil, *Nemzetközi Szemle*, 1959, 1. sz. 60-62 I); das relações exteriores, dois artigos, de autores brasileiros: Luís Carlos Prestes: A luta do povo brasileiro contra o ditador dos Estados Unidos (A brazil nép harca az Egyesült Államok diktátuma ellen, *Tartós Békéért*, 1955. márc. 7. 12. sz. 3. L) e Federico Sá: Capital estrangeiro no Brasil (Külföldi tőke Brazíliában, *Béke és Szocializmus*, 1960. 3. sz. 143-

146. I., parece que é uma resenha do livro de A. Moura, com título igual, S. P. 1959).

Da situação interna do Brasil saíram 17 artigos, com títulos: *Brazilia vezető személyiségei az atomfegyver betiltásáért* (As principais personalidades do Brasil pela proibição da arma nuclear, *Tartós Békéért*, 1950. jún. 11. 23. sz. 4. I.); A brazil nép lelkesen támogatja a békeegyezmény megkötését követelő felhívást (O povo brasileiro apóia com entusiasmo o apelo por celebrar o acordo pela paz, *Tartós Békéért*, 1951. jún. 10. 23. sz. 2. I); *Brazilia népe fokozza harcát a Békéért és a nemzeti függetlenségért* (O povo do Brasil aumenta a luta pela paz e independência nacional – Carta do Rio de Janeiro, *Tartós Békéért*, 1951. okt. 28-43. sz. 8. I); do movimento operário 3 artigos, tais como: A brazilia Kommunista Ifjúsági Szövetség újjászervezése (A reorganização das Juventudes Comunistas brasileiras, *Tartós Békéért*, 1951. jan. 21. 3. sz. 11. I); e finalmente 21 artigos relacionados com o Partido Comunista; só citarei alguns títulos: *Politikai oktatás a Brazilia Kommunista Pártban* (Educação ideológica no Partido Comunista Brasileiro, *Tartós Békéért*, 1951. márc. 18); *A kommunizmus építésének és a béke megszilárdításának nagyszerű perspektívái* (As perspectivas magníficas da construção do socialismo e da solidificação da paz, respostas de Carlos Prestes às perguntas da Revista *Béke és Szocializmus*, 195. 1. sz. 20-23. I).

Como se vê mesmo do título, os artigos serviam os fins da política interior húngara, e o Brasil degradou-se, como tantos outros países, a um exemplo estimulante para os operários húngaros em sua luta contra o imperialismo. O Brasil nestes artigos não tinha características próprias; eram apenas um pano de fundo permutável, um dado estatístico de que há mais um país onde os operários lutam contra o imperialismo.

O único elemento positivo ou consolador nesta época é que os romances de Jorge Amado saem um após o outro, mostrando um Brasil diferente. Amado, como eminente figura do movimento operário e da paz, foi presente através dos seus artigos, as entrevistas concedidas na imprensa húngara; assim não se podia deixar de publicar suas obras. Embora seus artigos fossem iguais na temática e no tom aos artigos acima mencionados, seus romances como *Terras do sem fim* (Végtelen földek, Szikra, Budapest, 1950); *Seara Vermelha* (Vörös vetés, Szépirodalmi, Budapest, 1951), *Jubiabá* (Zsubiabá, Szépirodalmi, Budapest, 1952) e outros publicados nesta década mostraram algumas facetas mais divertidas do Brasil.

Em 1960 publicou-se o primeiro volume da *Nova Enciclopédia Húngara* (Új Magyar Lexikon, em seis volumes, saindo o sexto em 1962 e o volume suplementar em 1972). O artigo sobre o Brasil fica no primeiro volume e é acompanhado de um mapa e do escudo nacional do país. O tamanho do artigo é de 16.500 espaços, e informa sobre as condições naturais, a vida econômica, a história, o sistema político, a educação pública,

as instituições científicas e a literatura. O capítulo sobre a história acaba em 1956, com a ascensão ao poder do presidente Juscelino Kubistchek. O capítulo sobre a literatura é breve e superficial. As primeiras figuras que menciona são Gregório de Matos e Padre Antônio Vieira, este último aparece como um prosista cujas obras representam a vida dos índios e suas lutas contra os holandeses e franceses. Informa abundantemente sobre a literatura social dos anos vinte a trinta, passando por cima o Movimento Modernista, como se entre a obra de Machado de Assis e de José Lins do Rego não tivesse acontecido nada nas letras brasileiras. O encerramento cultural do país e o retraimento científico em comparação com as enciclopédias acima mencionadas são ostensivos. Aparecem nomes de escritores e políticos de terceiro plano, há erros nos nomes citados (Monteiro Lubat, Graciliano Ramus) e prevalece um tom marcadamente marxista: a enciclopédia não informa, apenas avalia e comenta, salientando os momentos positivos do ponto de vista da luta das massas oprimidas e do movimento operário. A bibliografia é reduzida a uma obra sem autor e lugar de edição, intitulada: *A brazil nép harca a függetlenségért és a békéért* (A luta do povo brasileiro pela independência e pela paz, 1953). O único autor que tem um artigo autônomo é Jorge Amado, o destacado romancista comunista, cuja atividade política tem mais ênfase no texto do que sua arte literária. Machado de Assis, José de Alencar, Graciliano Ramos e Gonçalves de Magalhães têm cada um um artigo breve no volume suplementar de 1972.

O rigor político e informativo dos anos cinquenta começa a abrandar-se no final da década de cinquenta. Por estranho contraste com a declarada exigência cultural do sistema socialista, a partir de 1958 lentamente começa a aparecer nas livrarias certa literatura de cordel, publicam-se obras como o *Tarzão de Bourroughs*. Nestes anos inicia-se a reconstrução da imagem do Brasil e segundo um gosto universal, dado que os húngaros ainda muito tempo não podem viajar. Publica-se em 1958 o *Riói képek* (Imagens do Rio) de Richard Katz, em 1959 o *Zöld pokol* (O inferno verde, e pelo título original *Longa viagem sob o calor tropical*) de Erich Wustmann. Entretanto se pode ler artigos sobre As influências do plano quinquenal do Brasil sobre a vida econômica do país (Kádár Béla: *Brazilia öt éves tervének hatása az ország gazdasági életére, Külkereskedelem*, 1901. 5. sz. 14-17. I), sobre O ataque da reação no Brasil (Rubio, K: *A reakció támadása Brazíliában, Béke és Szocializmus*, 1964. 5. sz. 160-163. I) e sobre A política da ditadura militar brasileira (Luís Carlos Prestes: *A braziliai katonai diktatúra politikája, Béke és Szocializmus*, 1965. 4. sz. 60-73. I); infiltram-se lentamente outras informações sobre outros aspetos do país.

Apalpa-se o prevailecimento de um certo interesse etnográfico nos artigos que formam a imagem do Brasil na década do 1960. Sai em 1960 o livro de Eva Lips sobre os índios brasileiros (*Könyv az indiánokról, Gondolat, Budapest*), seguido de outro sobre a *Etnografia dos índios nambiquara do ocidente brasileiro* (*A nyugat-brazíliai nambikvara indiánok néprajza, Akadémiai Kiadó, Budapest*, 1961); e Luís Boglár em 1966 publica seu livro *Trópusi indiánok között* (Entre índios dos trópicos, notas de viagem no Brasil, *Világjárók, Gondolat, Budapest*, 1966). Entretanto infiltram-se outras informações: aparecem artigos sobre Brasília, a nova capital do Brasil (Ernö Wallner: *Brazilia új fővárosa, Természettudományi Közönlöny*, 1960. 4. sz. 147-148. I) e sobre a arquitetura brasileira (Henrique Mindlin: *A braziliai építőművészet a barokktól Brazíliáig, Arquitetura brasileira do Barroco até Brasília, Budapest*, 1963, a *Brazil Nk. kiadványa* e Csaba László- Farkas Ipoly: *Brazil építészet, Arquitetura brasileira, Magyar Építőipar*, 1963. 10. sz. 442-446) que com o filme francês intitulado *Aventura do Rio*, estreado em 1964 com enorme êxito dão uma imagem viva e plástica do Brasil de então. É mais o menos nesta altura que nos art- kino projetam alguns filmes do cinema novo brasileiro, que com a "nova onda" tcheca atraem e entusiasmam os cinéfilos húngaros (Bíró Gyula: *A brazil filmművészet in. filmkörkép 1. Budapest*, 1973. 195-199. I).

É curioso que, apesar de o futebol ser um fator político muito importante na Hungria de então, escasseiam os escritos sobre este tema. Encontramos apenas duas referências ao futebol brasileiro. O livro de Aladár Ar dai: *A brazil futball-titok nyomában* (Em posse do segredo futebolístico brasileiro, reportagens, Editora Sport, Budapeste, 1965) e um sobre Pelé (Fritz Hack: *Pelé, a fekete gyöngyszem, Pelé, a pérola preta, Editora Sport, Budapeste*, 1966). O interesse da imprensa se enfoca mais na economia brasileira e no papel dirigente que o Brasil vem assumindo no continente sul-americano. A partir de meados da década de 1960 proliferam as análises da "maravilha econômica brasileira" (Gyula Lovas: *150 év. Hegemónia? "Japán tempó" ., 150 anos. Hegemonia? "Ritmo japonês" ., Magyarország*, 1972. szept. 17. 38. sz. 6. I; Endre Harmat: *Zöld homály birodalma. Amazônia jövője. Belépő a nagyok klubjába. Império da sombra verde. O futuro da Amazônia. Entrada no clube dos grandes. Magyarország*, 1972. jan. 2. 1. sz. 12-13. 1; Luís Ribeiro: *A "brazil csoda". O que é que há detrás da fachada?, Béke és Szocializmus*, 1973. 11. SZ. 123. I); Béla Kádár: *A növekedésgyorsítás brazil útja, A via brasileira de aumentar o crescimento, (Gazdaság*, 1974. máj. 26. 21. sz. 17. I). Por outro lado, nos anos setenta o Brasil torna-se o símbolo do terror, das torturas e das violações dos direitos humanos (*A braziliai terror, O terror brasileiro, Nemzetközi Szemle*, 1970. 10. sz. 95-97. I) que os meios massivos da comunicação (o rádio, a televisão e os filmes de Costa Gavras, projetados nesta época) martelaram na cabeça dos húngaros, talvez para contrabalançar a simpatia e a curiosidade latentes pelo Brasil. Num contexto maior, esta é a época do "boom" da literatura latino-americana quando se publicam muitas obras literárias e constantemente se fala sobre a América Latina, os primeiros tu-

ristas chegam a México, Peru e o Brasil, existe um entusiasmo por Cuba e Che Guevara que compreende também a admiração pelo Brasil, e pelos êxitos econômicos dele. Este interesse, que dura até os nossos dias, é tão vivo que *Macunaíma* depois de publicado numa tiragem de 10 mil exemplares, em 1983, esgota-se num mês, e toda a imprensa escrita e falada celebra a "brasilidade" da obra de Mário de Andrade. A imprensa oficial atônita, questiona o desenvolvimento rápido do Brasil (Carlos Braga: "Cso-da" a szuronyok hegyén, "Maravilha" na ponta das baionetas, Béke és Szocializmus, 1975. 4. sz. 132-133. I), mas a abertura progressiva da imprensa escrita e falada, e a edição de livros faz com que haja informações cada vez mais variadas sobre o Brasil a partir da década de 1980. No entanto, o carnaval brasileiro, o samba e a música "pop" brasileira até hoje conservam sua importância entre o público.

Dado que a informação sobre o Brasil é variadíssima e o número dos meios de comunicação (jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão) cresceu tanto no último lustro, ainda não disponho de uma catalogação tão exata como das épocas anteriores. Contudo, hei de dizer que o ponto máximo do conhecimento do Brasil, tendo em consideração os meios de informação disponíveis num momento dado, foi no lapso entre 1987 e 1992. A atual situação econômica e a americanização do país não favorece o conhecimento de outras áreas do mundo.